

PREVENT
SENIOR

Jornalistas & Cia

XP inc.

Edição 1.307A - 18 de maio de 2021



120 GO GERDAU
O futuro se molda

Relações com Imprensa (11) 3094-6322
imprensa@gerdau.com.br
www.gerdau.com

JBS
(NET ZERO)
2040

ALIMENTAR A MUDANÇA É O NOSSO COMPROMISSO.

vivo



Com um leilão, chega ao fim um ícone que brilhou e agigantou o jornalismo brasileiro

[Vai a leilão](#) em São Paulo, nesta terça-feira (18/5), o prédio de 55 mil m² estrategicamente localizado na Marginal do Tietê, inaugurado pela Editora Abril em 1968, mesmo ano em que a empresa deu à luz a revista Veja, que viria a ser a mais importante do País e a quarta entre as semanais de informação do mundo. Com o possível arremate de algum grupo empresarial, certamente com intenções imobiliárias, desaparecerá, de forma melancólica, um dos símbolos mais nobres e reconhecidos do jornalismo brasileiro, por onde passaram milhares de profissionais que deram régua e compasso à imprensa do País, com publicações hegemônicas em praticamente todos os segmentos editoriais.

J&Cia tem acompanhado com tristeza todo o

isso fosse um obstáculo intransponível. Só quem lá esteve viu livreiros pararem as redações para conferir os últimos lançamentos, o carrinho de lanches que sinalizava a hora do recreio, cosméticos, roupas, tudo ali era uma festa. E até os sindicatos dos Jornalistas e dos Gráficos tinham liberdade de ação, com diretores que ali trabalhavam em algumas das publicações da empresa. Mas nem pensar em prescindir, irreverência à parte, de produzir e oferecer à sociedade o melhor do Jornalismo brasileiro.

Por essa razão, Jornalistas&Cia, usando a sugestão de um de nossos mentores e colaborador ocasional **José Maria dos Santos**, decidiu sair em campo para fazer este especial e com ele celebrar um ciclo profícuo, que, tendo o famoso Edifício da Marginal do Tietê como símbolo, aportou uma das mais belas páginas da história do Jornalismo brasileiro. Que hoje, é certo, continua, mas agora num novo ciclo que, todos torcemos, seja também profícuo.

desdobramento da decadência do império construído por **Victor Civita** e que começou a ruir com os múltiplos erros de gestão de seu sucessor e herdeiro, **Roberto Civita**, consumando-se poucos anos depois de sua morte.

Só que a Abril, muito mais do que um prédio, uma marca, miríades de publicações, era uma quase religião, tal o grau de afeição que todos por ela nutriam, fosse pelos bons salários, boas oportunidades profissionais, clima de camaradagem, fosse sobretudo pelo alto grau de liberdade existente, mesmo nos anos de chumbo. Nas redações, pululavam cantores, dançarinos, jogadores de futebol, que usavam os intervalos para dar asas a seus dotes amadores, que encantavam quem por ali passava, certamente enervando os mais conservadores, sem que

Mas a Abril que desaparece deixou marcas indelévels em milhares de profissionais de inúmeras formações. Jornalistas, publicitários, marqueteiros, administradores, advogados, médicos e por aí vai. Uma saga que coincidentemente teve as modestas contribuições de três integrantes da equipe de Jornalistas&Cia: **Silvio Ribeiro**, nosso diretor comercial, que ali trabalhou entre 1967 e 1969, na Distribuidora Abril; **Wilson Barancelli**, editor executivo, que esteve por lá entre 1975 e 1979, e o diretor **Eduardo Ribeiro**, que em duas passagens, entre 1969 e 1977, ali iniciou e reiniciou sua jornada profissional.

O especial conta com depoimentos de **Carlos Maranhão**, **Gerson Reis Júnior**, **Ignácio de Loyola Brandão**, **Júlio César Barros**, **Luiz Bonasio**, **Luiz Laerte Fontes**, **Marilda Varejão**, **Marlene Jaggi**, **Nelson Graubart**, **Nelson Romanini Filho**, **Tão Gomes Pinto** e **Silvio Lancellotti**, todos com passagens marcantes pela empresa.

Especial
EDIFÍCIO
ABRILIgnácio de
Loyola Brandão

Abrimos o especial de reminiscências com a singela colaboração de nosso acadêmico **Ignácio de Loyola Brandão**, cujo amor pelo jornalismo é imenso e eterno e que tem nos dado a alegria de acompanhar Jornalistas&Cia desde os tempos de FaxMOAGEM. Uma honra (Eduardo Ribeiro).

Me dá um nó na garganta
saber que está sendo leiloadado

"Eu trabalhava na Claudia nos anos 1960, quando um dia nos avisaram que iríamos mudar para a Marginal do Tietê. Adorávamos a redação ali junto à Nove de Julho, porque o almoço era sempre no Hotel Cambridge, luxuoso, com ótimo restaurante. Hoje é prédio ocupado. Sentimos a mudança porque era comum, durante as tardes, havendo um espaço vazio, irmos ao cinema e voltarmos no final da tarde.

Certa manhã, quase todas as redações fugiram. Foram todos assistir à primeira sessão, das 10, no Metrôpole. O filme era Love Story, que explodiu. Choramos com Aly McGraw morrendo.

Ao chegarmos à Marginal, longíssimo na época, achamos o prédio ótimo, limpo, novo, mas faltava o clima. Tudo asséptico.

Logo, as mulheres receberam uma circular do **Richard Civita** dizendo que as mulheres deveriam tomar cuidado e depositar os modess usados no lixo do banheiro e não jogá-los na privada.

Sentimos muita falta do futebol que jogávamos (redação x publicidade) nos corredores da sede, no Centro. Mas, por

outro lado, havia a Cozinha Experimental de Claudia, liderada por **Olga Krell** e **Edith Eisler**, e de vez em quando subíamos ao último andar para degustar e dar notas às receitas enviadas pelas leitoras.

VC, ou Seu Victor Civita, vez ou outra aparecia, dava umas garfadas, fazia uns agradados. Ou a mulher dele, dona Sylvana.

No quarto andar, lembro-me da redação de Claudia, de Manequim, de Capricho. Mulheres lindas, como **Lu Rodrigues** ou **Laura Taves**, desfilavam pelo corredor. Havia **Fátima Ali** gritando furiosa para a secretária: "Não me interessa se o telefone dela está com defeito ou desligado, quero essa ligação em cinco minutos". Achava-se uma diva.

O segundo andar era do Dedoc, das pastas, da **Irede Cardoso**, dos sociólogos sem emprego recortando jornal e pregando em sulfite A 4.

Nos primeiros dias da mudança, quando descíamos do prédio principal e íamos para o restaurante, ou comedoria (como dizem no Sesc) ou refeitório, era engraçado ver os gráficos quase formando um corredor

polonês para ver as mulheres, editoras, redatoras, designers, secretárias, o que fosse, quase todas de minissaia. Não havia ainda o Me Too...

No refeitório, você podia pagar menos e pagar mais, comia diferente. Muito famoso comeu ali ao nosso lado.

O prédio e aquela tripulação de jornalistas e publicitários trouxeram uma vantagem para a Lapa e a Freguesia do Ó. Vieram restaurantes melhores. No começo era pizzeria e mais pizzeria.

Alguém há de contar das inundações, quando ficávamos presos por horas. Ou dos ônibus que levavam funcionários e redatores.

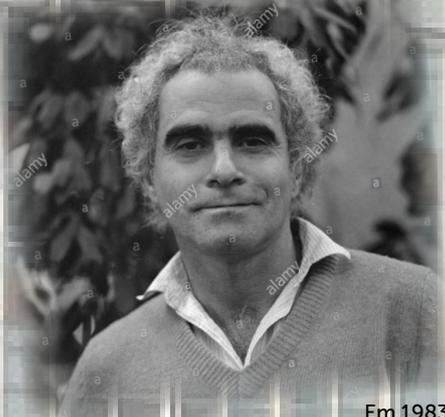
Jamais esqueço das reuniões de uma daquelas comissões que o doutor Roberto (filho de Victor Civita) promovia entre chefes e diretores de Redação. O termo editor ainda não existia. Os íntimos chamavam o doutor Roberto de Robert.

Jamais esqueço também de uma reunião em que o Richard, irmão do Roberto,

entrou com um taco de golfe nas mãos, olhou para todos, foi até a janela, viu os carros estacionados em frente (não havia estacionamento) e disse: 'Olha só os carros desses filhos de uma puta que ainda reclamam de salário!'

Tenho nostalgia daquele prédio, vivi bons anos, fiz carreira, diverti-me, fiz amigos, alguns para toda a vida, como **Thomaz Souto Corrêa**, que me chamou para a Claudia. Por anos, **Gloria Kalil** e eu gastávamos dias e dias redigindo as notas de O Assunto é, seguindo as determinações ditatoriais da arte: cinco linhas, cada uma com oito toques. Dez linhas de nove toques. Sete linhas de doze toques. Tudo milimetrado para entrar no layout desenhado. No final, parecia que tínhamos jogado buraco ou pôquer por dez noites e dias seguidos, tudo era número, número, número.

Me dá um nó na garganta saber que está sendo leiloadado. Foi uma época incrível para o jornalismo. Trabalhar na Abril era o máximo."



Em 1983

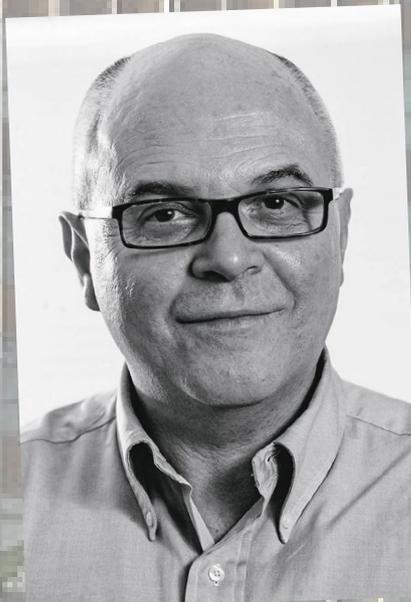


Hoje

Especial

EDIFÍCIO
ABRILCarlos
MaranhãoRODAVIVA
Carlos
Maranhão

Nos tempos de Veja São Paulo



Hoje

Outro dos mais importantes jornalistas do País, que ali construiu uma carreira das mais sólidas e o fez por mais de quatro décadas, foi **Carlos Maranhão**, com quem tive a oportunidade de conviver muito rapidamente nos tempos em que trabalhei como *freelance* na Placar, como explico mais adiante, e que também nos apresentou com recordações que mostram a grandeza do que foi a Abril por todas essas décadas. Pelo *Jornalistas&Cia*, pude também acompanhar a carreira e os feitos dele, sobretudo no profícuo e longo período em que dirigiu *Veja São Paulo*, transformando-a num dos maiores fenômenos editoriais do País. Logo depois que deixou a empresa concluiu o livro *Roberto Civita, o dono da banca* (Companhia das Letras, 2016) (ER).

Breves memórias da Marginal

“Algumas lembranças de quem foi funcionário da Editora Abril durante 42 anos, dezoito dos quais vividos na antiga sede da Marginal do Tietê.

- Você gostava daquele lugar? Se fizer essa pergunta para algumas das milhares de pessoas que trabalharam no prédio da Avenida Otaviano Alves de Lima, 4.400, em São Paulo, é quase certo que a maior parte delas responderá que não. Exceto para os moradores do bairro, a Freguesia do Ó, o endereço era mal localizado, longe de tudo, servido precariamente de transporte público, isolado, sem vizinhos. Durante décadas, quando chovia forte, o rio podia transbordar e o trânsito, normalmente pesado, ficava interrompido.
- Não se podia sair dali a pé para nenhum lugar, a não ser andando centenas de metros, sem calçada, sem nenhuma sombra, em meio ao barulho e à poluição de caminhões, ônibus e automóveis.
- Era necessário pegar o carro para ir aos poucos restaurantes da região, como o *Recreio Jaraguá* ou a *Pizzaria do Bruno*.

no meio da tarde pelo gerente **Juca Kfoury**, pois muitos começaram a passar mal. Em outra ocasião, **Elio Gaspari** escreveu sem camisa, suando em bicas, a reportagem de capa da *Veja* sobre a escolha do general Ernesto Geisel como presidente da República. Houve momentos piores. Num domingo escaldante, o redator-chefe de *Placar*, **Hedyl Valle Júnior**, comandou de cueca, sem mais nada, o fechamento da edição. (Teve o cuidado de pedir autorização por escrito da secretária, única mulher da redação.)

- O prédio ganharia ar condicionado em todos os andares no final dos anos 1980, com a chegada dos computadores, que não funcionariam sem a temperatura adequada. A essa altura, o edifício passara a ser ocupado por duas redações: as de *Veja* e *Exame*. As demais haviam se mudado para a Lapa e o Brooklin Novo. Em 1997, as revistas e vários departamentos foram instalados em duas torres

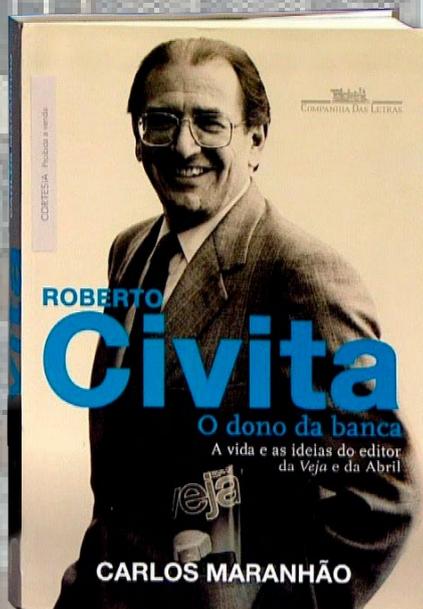
No prédio, havia uma lanchonete ruim e um refeitório pior ainda, não por acaso apelidado de Lixão.

- Para a diretoria e convidados, existia na cobertura o restaurante chamado de *Roof* (teto ou telhado em inglês). A comida era insossa. Por exigência do dono da empresa, *Victor Civita*, e de sua mulher, *dona Sylvana*, na cozinha não entravam nem cebola nem alho, ingredientes que ambos abominavam. O serviço à francesa, porém, tinha seus requintes: garçons algo cerimoniosos apresentavam as travessas com talheres pelo lado esquerdo de cada comensal para que se servissem.
- Em dias quentes, aquilo virava um forno. Com seus enormes vidros voltados para o poluído Tietê, o prédio fora projetado para ter ar condicionado central. Faltou dinheiro no final da construção e a refrigeração ficou restrita ao sexto de seus sete andares, o da diretoria. De tão sufocante, houve um dia de verão em que os funcionários do *Dedoc*, o Departamento de Documentação, foram dispensados

alugadas na Marginal do Rio Pinheiros, o NEA (Novo Edifício Abril). No prédio da Marginal do Tietê, até ser esvaziado, permaneceram a gráfica, que não existe mais, serviços de telemarketing e áreas administrativas.

- Quando foi para o NEA, a Abril já era presidida por *Roberto Civita*, o mais velho dos dois filhos de *Victor*, e havia se tornado um gigantesco conglomerado de comunicação. Chegou a ter mais de 13 mil funcionários e cerca de 300 títulos de publicações, incluindo números especiais, televisão por assinatura – empreendimento mal-sucedido que por pouco não a levou à falência – e a principal gráfica de revistas da América Latina.
- Com todos os seus problemas de desconforto e localização, será difícil encontrar abilianos – como eram tratados internamente – que não sentissem orgulho de trabalhar ali. Além de prestígio profissional, os jornalistas recebiam salá-

Especial

EDIFÍCIO
ABRIL

O livro sobre Roberto Civita

rios acima da média do mercado. Jamais atrasaram, salvo por um breve período após o Plano Collor, em 1990.

- Nos anos de ouro daquela que foi a maior editora de revistas da história da imprensa brasileira, a Abril empregava não somente um batalhão de jornalistas, publicitários e gráficos de primeira linha, mas uma infinidade de competentes profissionais de incontáveis ofícios: de bombeiros, pintores, encanadores, serralheiros e eletricitistas a cozinheiros, garçons e nutricionistas; de médicos, enfermeiros, psicólogos, advogados, economistas e arquitetos a bibliotecários, cartógrafos, contadores, auditores e agentes de viagem.
- A maioria das revistas surgiu e floresceu no prédio próprio da Marginal do Tietê, para onde a editora mudou-se em 1968, quando deixou os velhos escritórios da Rua João Adolfo, no Centro da cidade. A começar pela *Veja*, a mais importante e

Cientistas, que ofereceu 52 kits diferentes para o leitor montar experimentos de física, química e até de genética. Para um dos números, foram importados do Japão 300 mil microscópios. Os *Cientistas* surgiram, literalmente, dentro de um dos espaçosos elevadores do prédio da Marginal do Tietê. Acredite se quiser. O editor Pedro Paulo Poppovic, responsável pela operação, apresentou a ideia em uma conversa de menos de um minuto com Victor Civita enquanto desciam juntos. Seu Victor, como era mais conhecido, muitas vezes tomava decisões rapidíssimas. Ele se encantou com o projeto e, quando chegaram ao térreo, antes de entrar no seu *Galaxie*, deu o sinal verde, sem perguntar pelos custos: "Pode fazer. Tenha uma boa tarde".

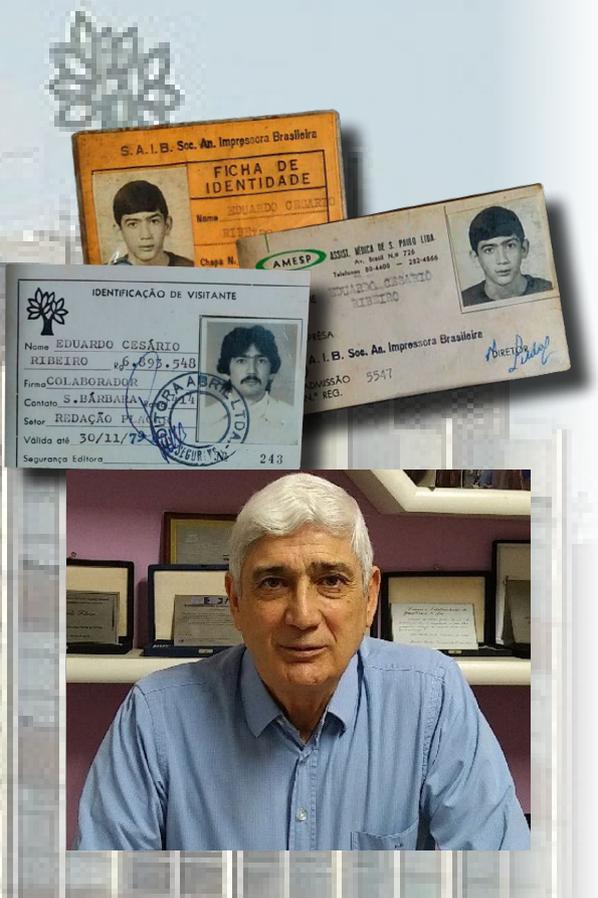
bem-sucedida criação da Abril. *Realidade*, *Quatro Rodas* e *Claudia* já existiam, mas viveram ali períodos de glória. O mesmo aconteceu com a fabulosa série de fascículos (eram vendidos semanalmente para depois serem encadernados), que revolucionaram o mercado editorial do País. Títulos como a pioneira *A Bíblia Mais Bela do Mundo*, lançada em 1965, *Conhecer*, *Bom Apetite*, *Os Pensadores* e as coleções *Imortais da Literatura Universal*, *Grandes Compositores*, *História da Música Popular Brasileira* e *Nosso Século*, para citar apenas esses, tiveram um sucesso assombroso. O primeiro número de *Bom Apetite*, com receitas testadas uma a uma, vendeu 1 milhão de exemplares nas bancas. Sim, exclusivamente em bancas, sem assinaturas. Incluindo reedições, foram publicados ao longo de 20 anos 151 títulos de fascículos.

- Um dos mais lembrados foi a série *Os*
- Com a árvore verde, símbolo da Abril, instalada na cobertura, o edifício foi uma inconfundível referência para os motoristas que trafegavam, no sentido leste-oeste, em direção à Marginal do Rio Pinheiros ou às rodovias Castelo Branco, Anhanguera e Bandeirantes. Tanto que, quando entrou em vigor a lei chamada de Cidade Limpa, que proibiu a colocação de grandes placas e cartazes nos prédios de São Paulo, a Abril foi autorizada pela prefeitura a mantê-la no mesmo lugar.
- É muito triste despedir-se dela. Com o leilão do imóvel, a árvore outrora frondosa certamente será derrubada e desaparecerá junto do complexo de 55 mil metros quadrados que, como tantos monumentos, parecia destinado à eternidade."



Especial
EDIFÍCIO
ABRIL

Eduardo
Ribeiro



A Editora Abril que há dentro de cada um

"Quando entrei pela primeira vez no Edifício Abril, bem no comecinho de 1969, fiquei meio desnortado. Menino de tudo, com 14 anos, aquele era meu primeiro emprego formal, com carteira (de menor) assinada. Aprendiz de arquivista era o nome da função que então aportuguesava o mais conhecido office boy. Fui contratado pela SAIB – Sociedade Anônima Impressora Brasileira, nome de batismo do parque gráfico da Abril.

Meu primeiro chefe foi um engenheiro, **Paul Lesbaupin**, cutis clara, aparência ascética, tez pálida que era ainda mais acentuada por barba e bigode que davam a ele uma aparência quase de Jesus Cristo. Em verdade, ele era o gerente, porque o chefe direto era **Gérson Reis Júnior**, também barbudo, com quem, alguns anos mais tarde, voltaria a trabalhar, já como jornalista, na revista Casa Claudia, mas aí já é uma outra história...

O uniforme dos office boys, naquele fevereiro de 1969, deve ter sido, com certeza, inspirado no soldadinho da cera Parquetina, em que despontava uma justíssima jaqueta verde escura de brim, abotoada até à goela com uns cafonas e brilhantes botões dourados. Até que tive sorte, pois dias depois, a Abril mudou o uniforme, dessa vez para um terninho no mesmo tom de verde, em que

sobressaía um paletó fashion, sem lapela. Como complementos, camisa branca e uma gravata no mesmo tom do terno.

Foram dois anos por ali, passeando pelas várias instalações e unidades da Abril, incluindo redações como Intervalo, Quatro Rodas, Claudia, Veja, Capricho, Realidade, que eram grandes referências editoriais do País. Me lembro de deixar correspondências para nomes como **Giba 1 (Gilberto di Piero)** na Intervalo, **Thomaz Souto Corrêa** na Claudia, **Pedro Paulo Poppovic** nos Fascículos, Seu **Victor Civita** (e a sempre presente secretária **Luiza Crema**, que vim a reencontrar na festa de aniversário de 60 anos da Abril, na Sala São Paulo, ao lado daquele meu primeiro chefe Paul Lesbaupin), entre outros, que eram referências na empresa.

Das coisas que continuam vivas na minha memória, lembro do atalho entre o prédio e a gráfica, que garantia ligeireza no vaivém entre jornalistas e gráficos, do galpão de papel de aparas (sempre fornido, alimentado que era pelo encalhe que voltava das bancas); do saguão de entrada dos horistas, onde se batia o cartão de ponto, que também nós, office boys, batíamos; do restaurante industrial sem charme algum e comida insossa..."

Tão Gomes
Pinto



Nos dois anos em que ali passei, no Edifício Abril, de um total de seis anos na minha primeira passagem pela empresa (os outros quatro foram na Emílio Goeldi/Rua do Curtume), Veja, recém-lançada, estava fervilhando. Para os boys, era uma agradável aventura circular por aqueles corredores próximos a nós, no sétimo andar, onde o que se via era uma verdadeira zorra. Papel pra tudo que era lado, copinhos de café espalhados pelas mesas absolutamente desorganizadas, personagens dos mais malucos jogando bola, atirando aviãozinho, cantando, falando ao telefone... Vida que começava preguiçosamente depois das 11h, para só se encerrar madrugada adentro. Bem diferente do ritmo do restante da empresa, que tinha início bem cedinho, na gráfica, e um pouco depois, no horário comercial, nas áreas administrativas e comerciais. Entre as dezenas, centenas de colegas que ali passaram, integrando a primeira equipe liderada por **Mino Carta**, tinha o **Tão Gomes Pinto**, o nosso Tão, sim, porque Tão foi colaborador deste J&Cia por uma temporada, quando nos brindou com histórias dos bons tempos das revistas, na coluna *Revistas Revisitadas*. E é dele o curto depoimento a seguir sobre o Edifício Abril (ER):

Eu tenho medo

"Eu tenho a história da minha primeira ida ao prédio. Recém-inaugurado. Chovia muito. Tivemos que entrar no prédio num ônibus, creio que da própria editora. O Tietê transbordara. Ao visitarmos a futura redação de Veja, aquela sala imensa, as dezenas de baias, as salas dos editores – cada editor teria uma, com secretária

exclusiva –, o **Sergio Pompeu** (ele seria um dos redatores-chefes, o **Guzzo**, o outro) comentou: "Eu tenho medo..." Medo de quê? , perguntei. "Medo que um dia tudo isso acabe..."

E não é que que acabou, Tão? Bem, em verdade a marca segue viva, sob nova direção e em recuperação judicial.

Especial
EDIFÍCIO
ABRILLuiz Laerte
Fontes

Entre os anos de 1968 e 1969



E hoje

Foi ali, nessas minhas idas e vindas pelos corredores da empresa, que acabei conhecendo e me aproximando do Fontes, **Luiz Laerte Fontes**, amigo que veio a fazer parte fundamental de minha história profissional. Veio dele, num encontro casual, alguns anos depois, em 1976, quando eu já estava até fora da Abril, convite para regressar, como repórter setorista de uma revista nova, que seria lançada semanas depois, chamada TV Guia. Teve vida curta, menos de um ano, mas foi para mim o pontapé inicial no Jornalismo. Pedi ao Fontes, que muitos também chamam de Laerte, um depoimento sobre seu tempo no Edifício Abril (ER).

Vida que segue

"Comecei a trabalhar na gráfica da Abril, na Marginal do Tietê, em abril de 1966, como trainee de programação. Em novembro me transferei para a redação da revista Realidade, na rua João Adolfo, no centro de São Paulo. Com a conclusão do Edifício Abril, em 1968, voltei para a Marginal, onde passaram a se concentrar as redações das revistas e os setores administrativos da Editora. O Edifício Abril é um símbolo do crescimento exponencial da empresa naquele período, impulsionado, principalmente, pelos lançamentos dos fascículos em 1965, de Realidade em 1966 e de Veja em 1968. Juntamente com revistas mais antigas, como Capricho, Claudia, Quatro Rodas e a primogênita, O Pato Donald, tornaram a editora uma referência em revistas entre nós.

O clima era bom para a Editora e isso se refletia em quem trabalhava lá. Novas publicações e contratações, promoções

frequentes, permitiam um ar alegre e ajudavam a compensar o isolamento do prédio, a ausência de ar condicionado e as eventuais complicações no trânsito da Marginal, principalmente quando chovia muito. Em finais de tarde era frequente alguém aparecer com uma bola feita com papel para disputados rachas futebolísticos nos corredores.

Fiquei 19 anos na Abril, a maior parte delas trabalhando em outros prédios. Foram ótimos tempos, de aprendizagem, de compartilhamento de experiência profissional, de criação de excelentes amigos. Fazem parte importante de minha vida, mas hoje os tempos são outros.

Se o surgimento do Edifício Abril marca o início de um expressivo crescimento da Editora, seu leilão, seja qual for o destino a ser dado a ele, simboliza o ocaso de uma história memorável.

Vida que segue."

Mas é da Veja que também me vem a lembrança de outro colega que sempre acompanhei com um pouco mais de proximidade, embora nunca tenha sido amigo pessoal dele, o **Julinho Cesar Barros**. Admirava sua militância no Sindicato dos Jornalistas, entidade que também passei a frequentar já nos tempos de faculdade, entre 1976 e 1977. Nem chegamos a ser contemporâneos de Abril, mas ele ali esteve muito mais tempo do que eu. E é dele o depoimento a seguir (ER):

Não deixou saudades

"Prédio estranho, com o parque gráfico abaixo do nível do rio, o que causou problemas em várias enchentes, o Edifício Abril, na Marginal do Tietê, foi palco de uma das mais brilhantes aventuras editoriais do País. Tive o privilégio de trabalhar lá por 18 anos. Entrei na empresa em janeiro de 1980 e só saí em 1998, quando nos mudamos para o edifício Birman, em Pinheiros, onde trabalhei até 2013.

Confesso sentir uma certa nostalgia, quando passo diante daquela casa. Mais pela empresa em si do que pela discutível obra

de engenharia civil. Todo emparedado em vidro, me fez sofrer o diabo nos verões que ali passei. O ar condicionado só chegou à redação da Veja no início dos anos 1990. Não como medida de conforto para nós, os humanos, mas para as máquinas. A ventilação refrigerada veio em função da automação da redação. Gastei muitas madrugadas naquela casa, de cujas janelas eu podia ver a vida fluindo lá fora, onde pessoas normais circulavam livres. Não deixou saudades."

Julio Cesar
Barros

Década de 1980 (1986 ou 1987), antes da automação da Veja. Esse é um TVA, terminal burro, onde se digitavam, corrigiam e faziam o acerto de textos. Na época, Júlio era gerente de Produção Editorial

Especial
EDIFÍCIO
ABRILLuiz
Bonasio

Com a esposa, Cida



De camisa preta, abraçado com Giuseppe Nicolotti, o primeiro diretor de ortografia da Abril

Agora, recentemente, alguns meses antes do início da pandemia do coronavírus, me vi no túnel do tempo ao voltar ao Edifício Abril, então para buscar um exemplar do Anuário Maiores e Melhores da Exame, para um trabalho que estávamos fazendo. Estacionei o carro do lado de fora, num dos bolsões ali na frente do prédio, e fiz o caminho para chegar à recepção, onde me encontraria com a pessoa com quem havia marcado. O mato crescido foi das coisas que mais me chamaram a atenção, ao lado da facilidade com que entrei no prédio, como se ali fosse uma passagem pública, muito diferente dos tempos iniciais, quando o controle de acesso era rigorosíssimo.

No saguão, enquanto aguardava meu exemplar, pude observar a rotativa pioneira que imprimiu O Pato Donald pela primeira vez no Brasil, ali instalada como símbolo do nascimento de uma das mais poderosas empresas editoriais do País e também para, de certo modo, dar ao saguão a imponência de um museu. Pensei comigo: quantas personalidades já não passaram por aqui; quantos jornalistas atravessaram esses corredores e subiram e desceram por esses elevadores ao sabor de fechamentos e outras atividades. E, triste, o pensamento imediatamente migrou para a dura realidade dos tempos atuais, com tudo caminhando para um fim melancólico.

Mas como teria sido o começo? Através dos irmãos Luiz Laerte e Mário Fontes, chegamos a **Luiz Bonasio**, que trabalhou por um longo período na gráfica da Abril. É dele o depoimento a seguir (ER):

Como esquecer os bailões de sábado, na gráfica

"Vou separar o Grupo Abril em duas partes, Gráfica e Editora, para ficar mais fácil de lembrar depois de tantos anos..."

Entre em 1963, na Gráfica, que estava instalada no bairro do Imirim. A empresa já estava de mudança para a Marginal. Ali havia dois grandes galpões, além da parte exterior do prédio.

Nesses dois galpões estavam duas rotativas, uma delas a Rotogravura, e a outra a Offset, que estava anteriormente no Imirim.

Nessa parte exterior ficavam as oficinas de manutenção, além do sistema de recuperação de solventes e o restaurante.

Como primeira curiosidade, lembro que o restaurante era palco de grandes bailes, aos sábados, patrocinados pela empresa. E, como a maioria dos funcionários residia no Imirim, a própria Abril cuidava de transportá-los para que pudessem curtir um momento de alegria, descontração e integração. Esses bailes eram famosíssimos.

Em muito pouco tempo, toda gráfica do Imirim já estava instalada na Marginal.

Durante os anos 1960, foi construído também o prédio da Editora Abril, e as re-

dações, que estavam na rua Joao Adolfo, foram transferidas para a Marginal.

Como segunda curiosidade, o 6º andar do Edifício foi todo reservado e ocupado pela família Civita, incluindo o Sr. Victor e seus filhos Roberto e Richard, e alguns outros diretores muito próximos, que eram o Sr. Gordiano Rossi (sócio do Sr. Victor), Sr. Arthur Civita e Edgard de Silvio Faria, que eu particularmente considerava o braço direito da família.

Como todo o complexo foi construído às margens do Tiete, todo ano tínhamos a época das enchentes, inundava tudo, eu mesmo cheguei a ficar três dias sem sair dos prédios, porque nada passava pelas enchentes...

Muitas emoções foram vividas nesse complexo, eram os anos de chumbo, e os principais jornalistas do País estavam ali. Apesar de muito jovem, vi muitos dos colegas do Jornalismo da Abril serem presos, mas, para nosso alívio, em geral logo estavam de volta... mas acho que isso já é uma outra história."



Especial
EDIFÍCIO
ABRIL

José Luiz
Ohi



Aniversário de 24 anos, zocado pela redação de Placar (Luizinho Nascimento, Sofia, Lemyr Martins e, ao fundo, José Maria de Aquino)

Ohi (esq.), nos tempos de Placar, com o diagramador Anjinho



Hoje, "sacizólogo"

Tive ainda uma outra jornada marcante na Abril, trabalhando como *freelance* na Placar. Foi entre os anos 1976 e 1977. Já cursava Jornalismo, já tinha familiaridade com a Abril, mas ali na Placar meu *frila* era de datilógrafo. Ia apenas aos domingos para ajudar a fechar o Tabelão, seção que consolidava os resultados e classificações dos vários campeonatos nacionais e internacionais, para a edição que chegaria às segundas-feiras às bancas. Por volta das 21 horas, a redação vivia seu ápice, com quase 100% da equipe de fechamento presente. Era a hora do "gol gol gol", os gols da rodada mostrados pelo *Fantástico*, em geral logo depois de um desenho do Tom e Jerry (será que minha memória está mesmo boa?). Sei que num desses domingos, o caldo quase entornou para o meu lado, porque, quando apontou na TV a chamada do "gol gol gol" – que era um momento de çatarse da redação – todo mundo procurava o melhor posicionamento para ver, e eu, mais do que depressa, fui pra frente da TV e sentei numa das mesas da "arquibancada" da redação. Era a mesa do zangado Jangada (Marco Aurélio Guimarães) e eu, descuidadamente, simplesmente sentei em cima de seus óculos, destruindo-os. Foi um sufoco, mas acabei salvo pela turma do deixa disso. Ali tive dois chefes, o Luiz Antonio do Nascimento, que veio a ser, curiosamente, chefe do *Fantástico* por anos, até recentemente, e o Carlos Alberto Noronha, que faleceu jovem, acidentando-se numa trilha de cachoeira no Rio de Janeiro.

Sobre a Placar, José Luiz Ohi, que foi da equipe de arte da revista por muitos anos, lembrou do episódio das cuecas, contado aqui também por Carlos Maranhão (ER):

Quando as cuecas imperavam

"A nossa redação ficava no quarto andar, só tinha homem, fora a secretária, a Zeugma, e era muito quente, pois a gráfica estava atrás da gente, e o calor do telhado refletia sobre nós. Com isso, muitos redatores trabalhavam só de cuecas. A Zeugma, acostumada, não estava nem aí, mas caso

se avizinhasse necessidade do ingresso de alguma outra mulher ali no pedaço, tinha que ter uma negociação, inclusive com o RH, que garantia, desse modo, uns cinco minutos para que todos pudessem colocar as calças."

Marilda
Varejão



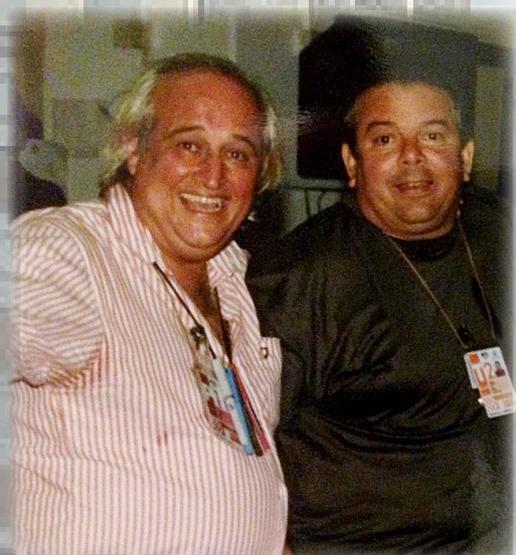
Colada na alma e na vida da gente, a Abril sempre foi assunto em várias rodinhas e momentos profissionais, dentro e fora da empresa. E por alguma dessas coincidências da vida, sempre nas conversas com amigos em que a Abril era lembrada, um dos nomes mais frequentes, como patrimônio jornalístico da empresa, era o de Marilda Varejão. Não cheguei a conviver diretamente com ela nos tempos em que fui boy ou nas revistas TV Guia, Casa Claudia e Placar, mas acabei conhecendo-a pessoalmente nos tempos em que trabalhou na comunicação interna da Abril, editando o jornal dos funcionários (acho que Notícias Abril). Ela ficou muito próxima ao participar de iniciativas que eu liderava no campo da comunicação empresarial e, desde então, a amizade só cresceu, inclusive sob as bençãos de um amigo comum, Audálio Dantas, a quem tanto nos afeioamos. Revi Marilda ao vivo pouco antes da pandemia, num passeio que fiz com Alice, minha esposa, por Petrópolis, terra onde ela nasceu e vive há muitos anos, desde que se aposentou. É dela o depoimento a seguir (ER):

Pobre VC, que descanse em paz

"Cheguei lá no dia em que a empresa se mudava da rua João Adolfo, no Centro, pra aquele prédio de sete andares construído num terreno da ainda quase deserta Marginal do Tietê. Imponente, moderno, ainda estava no final da obra. Para acessar o restaurante, onde os gráficos já faziam suas refeições (sempre olhados por eles meio assustados), precisávamos subir uma rampa de madeira, porque a escada definitiva ainda estava em construção. Eu era uma dos 100 jovens aprovados, dentre

outros 1.700, de todo País, para o I Curso Abril de Jornalismo. Uma moçada animada, recrutada em meio a profissionais de nível superior das profissões mais diversas (eu era advogada), que os Civitas prepararam para lançar sua nova revista semanal: a Veja, que no cursinho de três meses, era chamada de BACD.

Daquela época até minha aposentadoria, depois de quatro idas e vindas para a Abril, passei por vários endereços e publicações na editora: comecei repórter, passei a reda-

Especial
EDIFÍCIO
ABRILSilvio
Lancellotti

Com Luciano do Valle, na Copa de 1990



Hoje

tora, editora, cheguei até a dirigir revistas. Fiz carreira, tendo trabalhado também nos outros prédios, da rua do Cortume, no Panambi e até em dois deles na Sucursal do Rio. Mas o que mais me marcou foi o da Marginal.

Fiquei presa lá três vezes por causa das enchentes comuns àquela época; conheci **Luis Edgar de Andrade** (uma das vítimas da Covid 19, foi repórter da Realidade e

meu segundo marido); o saudoso **Audálio Dantas**, que me deu régua e compasso na profissão; **Thomaz Souto Corrêa**, o maior expert na arte de se fazer revistas; além do Seu Victor, **Victor Civita**, o homem que trouxe o Pato Donald para o Brasil e acabou sendo dono do maior complexo jornalístico e parque gráfico desse País. Pobre VC, descanse em paz: ele jamais imaginaria o prédio da sua Abril acabando desse modo."

Quem trabalhou na Abril entre os anos 1960 e 1980 teve a oportunidade de acompanhar as peculiaridades do núcleo duro da família Civita, integrada pelo fundador Victor Civita e pelos filhos Roberto e Richard, o primeiro com temperamento mais assemelhado ao pai, sempre sorrindo e aparentemente bem-humorado, e Richard, o enfezado, o durão, o que metia medo em todos. É sobre ele o depoimento que **Silvio Lancellotti** gentilmente escreveu para este especial, rememorando os tempos iniciais de Veja (ER):

As bolachas e o mastim do Doutor Richard

"Éramos cem. Talvez até mais. Quase todos jovens muito ansiosos por uma experiência inédita, participar do time de retaguarda de Veja, a primeira revista semanal de informação do Brasil. De certa maneira, inauguramos o edifício de número, acho que 800 [N.R., sim, na época era 800; mudou alguns anos depois para 4.400, número atual], da Avenida Otaviano Alves de Lima, a Marginal do Tietê, no lado da Freguesia do Ó. O paletó e a gravata eram obrigatórios para os rapazes.

Foi assustador aquele mês de março de 1968. Existia um tal de passalho, objeto voador não identificado, que a cada semana abduzia uma dezena de nós, nas eliminações implacáveis que o nosso treinamento exigia. E, ao mesmo tempo, enquanto o patrão máximo, o Seu **Victor Civita**, e o seu primogênito, o **Roberto**, nos pareciam simpáticos e acessíveis, pairava no ar o espírito aterrador do caçula, o Doutor **Richard**, supostamente o mau-humor de plantão.

De fato, numa certa manhã nos surpreendeu um decreto, atribuído ao Doutor

Richard, que proibia o consumo de bolachas na redação de modo a evitar que casquinhas ou sobras crocantes empestassem as mesas ou, espalhadas no chão, atraíssem formigas e baratas – isso, num sétimo andar. Nada, porém, se provou mais apavorante do que a tarde em que o Doutor Richard resolveu passear entre as baías com um cão gigantesco, acho que um mastim, cuja coleirona de pontas metálicas prenunciava mil perigos.

Décadas depois, em 1995, já partilhada a Abril, o Doutor Richard responsável pela chamada área Cultural, muito me honrou com um convite para escrever um catatau de quase 700 páginas, o Olimpíada – 100 Anos. Até me convidou para almoçar em sua casa, onde me ofereceu o legítimo Risotto al Salto, a iguaria perpetrada como de costume e, depois, transformada em algo assemelhado a uma panqueca espessa, dourada em azeite de olivas. Eu relembrei o episódio do cão e ele, já Richard, sem mais o Doutor, morreu de rir: "Eu adorava parecer um durão."

Especial
EDIFÍCIO
ABRILMarlene
Jaggi

Marlene Jaggi (esq.), celebrando festa de aniversário na redação de Ppop. No canto direito, Mario Roithman (diretor de Arte), Ana Dora Partos (oferecendo o bolo) e Vladimir Tavares de Lima (editor executivo da Pop, recebendo o bolo)



Hoje

Engato, nesse relato de reminiscências, **Marlene Jaggi**, amiga e admiradora de Marilda Varejão, como poderá ser visto no depoimento a seguir. Mas, antes, importante dizer que conheci Marlene quando ambos éramos meninos, muito jovens mesmo, e estávamos em início de jornada profissional na Abril, eu como *office-boy* e ela como secretária do Departamento de Relações Públicas da Abril, então liderado por **Hernâni Donato**. Belíssima, sorriso colado nos lábios e uma simpatia a toda prova, Marlene era para nós, meninos, uma diva. Nunca chegamos a trabalhar juntos, mas a vida sempre nos colocou próximos e isso nos fez amigos para sempre, ao ponto de a ter convidado para liderar um dos especiais deste *Jornalistas & Cia*, tempos atrás. Mas não só. Ela integra uma confraria de amigos que tem ainda **Gleise Santa Clara**, **Áurea Gomes** e **Dirce Helena Salles**, que só mesmo a pandemia foi capaz de separar fisicamente, mas que já já acaba. Aqui o relato de Marlene (ER):

Primeira reportagem nas profundezas do Amazonas

*"O primeiro dia foi inesquecível. Desci do ônibus no início do viaduto, fiz o contorno e comecei a caminhar no que devia ser a calçada da Marginal, em direção ao prédio com a arvorezinha verde no topo. Pouco depois, um motorista diminuiu a velocidade e me perguntou se estava indo para a Abril. Respondi que sim, ele ofereceu e eu aceitei a carona – o que era supernormal naquele tempo. Ele estacionou bem perto da entrada do prédio e foi logo me mostrando a máquina que decorava o espaço. Era um modelo antigamente usado para imprimir as revistas da editora. Se apresentou como **Tinhorão**. Nos despedimos no elevador e só muito tempo depois me dei conta de que tinha estado com um dos maiores especialistas em música do País. Tinha começado bem.*

Cheguei ao prédio da Abril no início dos anos 1970, para trabalhar como secretária, na área de Relações Públicas. Na época, pensava apenas em trabalhar para pagar o

muitos colares, outros objetos indígenas e várias decisões. Entre elas, manter o reparte para a equipe, pesquisadores e visitantes do parque e estudar jornalismo, para conhecer melhor nosso imenso Brasil. Algo que os jornalistas que trabalhavam do outro lado do corredor, no prédio da Abril, na revista Realidade, faziam como ninguém.

*Do prédio principal, algum tempo depois, passei a trabalhar no anexo, onde estavam as redações das chamadas revistas femininas. Fui secretária do **Giba 1**, então diretor da revista Pop. Outro universo incrível, que me possibilitou fazer minha primeira reportagem, ainda estudante, nas profundezas da Amazônia. Nenhum dos repórteres da Pop podia aceitar o convite de acompanhar durante um mês as equipes do projeto Rondon. Aproveitei minhas férias, me embrenhei na aventura. Já não tinha dúvidas: queria mesmo ser repórter.*

As redações do anexo eram separadas

*cursinho pré-vestibular que estava fazendo à noite, no Equipe. Nem de longe imaginava o quanto os anos seguintes mudariam minha vida. Meus chefes imediatos, **Antoninho Pereira Rossini** e **José Tadeu Ribas**, tinham suas salas no quarto andar e se reportavam ao grande **Hernâni Donato**, dono de uma sala no andar onde reinavam os Civita.*

*Além de transitar pelo elevador, entre os dois andares, fazia parte das minhas tarefas controlar o mailing e a distribuição das revistas de cortesia da casa. Foi assim que um belo dia fui parar no Parque Indígena Xingu. Eu tinha sido orientada a reduzir o reparte de todo o mailing, como medida de contenção de custos. Uma pessoa da equipe dos irmãos Villas Bôas reclamou e me convidou a conhecer as reais necessidades do parque. Três dias depois eu estava num DC-3 da FAB, voando junto com a **Marina Villas-Bôas** para o Xingu.*

Voltei cheia de histórias para contar, com

*apenas por móveis, num design que lembrava um grande loft. Entre as mesas circulavam grandes nomes do jornalismo, como **Thomaz Souto Corrêa**, **Carlos Alberto Fernandes**, o **Caloca**, **Costanza Pascolato**, **Flávio Barros Pinto**, **José Ramos Tinhorão**, **Valdir Zwetich**, **Wladimir Tavares de Lima**, **Marilda Varejão**. Era possível acompanhar cada etapa do trabalho das revistas, as reuniões de pauta, a concentração dos repórteres datilografando suas matérias, o pessoal da arte e da fotografia esmerando-se num trabalho que fez história na Abril.*

*Saí do prédio da Abril quatro anos depois, com destino à Última Hora. Mas voltei mais tarde, no final dos anos 1970, para trabalhar com **Chico Santa Rita** na área de criação. Minha trajetória profissional não me levou mais de volta ao antigo prédio. Mas as memórias dos espaços e dos talentos que por lá circularam permanecem vivas até hoje."*

Especial
EDIFÍCIO
ABRILNelson
Romanini
Filho

Éramos, como falei no início desta narrativa, vários meninos iniciando-se no mundo do trabalho e na vida e um desses meninos com quem convivi por um curto espaço de tempo foi **Nelson Romanini Filho**. Quando ele ali chegou, eu já era "veterano", com quase um ano e meio de empresa, embora ambos tivéssemos 15 anos de idade. Foi ainda um ano e meio de convivência num ambiente alto astral e aí a vida nos separou. Coisas do destino, duas semanas atrás, 51 anos depois, recebo uma mensagem dele, pelo LinkedIn, perguntando se eu era de fato eu. Isso, uma hora depois de eu ter conversado ao telefone longamente com **Gérson Reis Júnior**, meu primeiro chefe na Abril, citado logo no primeiro parágrafo destas reminiscências. Passei meu *whats* e ele, incontinenti, me ligou, e aí foi mais um longo papo para nos atualizarmos minimamente sobre o que o destino havia reservado para cada um de nós. Ele fez carreira na Abril, única empresa em que trabalhou. E o fez sobretudo na área de assinaturas. Penso que até atuamos juntos por um período já nos galpões da Rua Emílio Goeldi, quando cuidávamos, entre suas incumbências, da tal distribuição das revistas de cortesia citadas pela **Marlene Jaggi** no depoimento anterior. Aprendemos a digitar numa máquina alemã chamada Adrema, que gravava nomes e endereços numa chapinha de metal, que depois era usada para a impressão das etiquetas de remessa. Mal poderia imaginar que meu amigo Nelson Romanini mergulharia de cabeça nesse mundo, construindo nele toda a sua carreira de mais de quatro décadas. A alegria do reencontro virtual com Nelson foi coroada com esse singelo depoimento que escreveu para este especial (ER).

O rei das assinaturas

"Tudo começou em 11 de agosto de 1970, no prédio da Av. Otaviano Alves de Lima, na Freguesia do Ó, em São Paulo, logo após o tricampeonato do Brasil no México. Eu era um jovem no auge de seus 15 anos, cheio de sonhos. Comecei na Abril como aprendiz de arquivista, logo após o lançamento daquela que viria a ser a principal revista da editora e do País, *Veja*. Até então a Abril era conhecida por ser a editora dos títulos infantis da Disney no Brasil e pela sua operação de fascículos – quem daquele tempo não colecionou *Conecêr*, *Os Clássicos da Literatura Universal*, *HMPB* (História da Música Popular Brasileira) e tantos outros? Nessa época, a principal revista da editora era *Realidade*, aquela que trouxe, entre tantas capas, uma bem famosa com o Pelé.

Como *Veja* teve uma curva de vendas em declínio, uma das formas de garantir uma circulação estável e crescente da revista seria a

revista semanal de informação do mundo.

Além dela, *Playboy*, *Exame*, *Claudia*, *Superinteressante* e tantas outras chegaram a grande circulação em assinaturas. A *Nova Escola* foi um marco, pois tinha a carteira regular de assinantes, além de uma carteira de cortesia do MEC.

Com o crescimento da operação foi necessário fazer uma reestruturação da operação Assinaturas, sendo contratada a empresa MTB – Management Training Brasil, onde todos os processos da Operação Assinaturas foram revisados, redesenhados e reorganizados, gerando uma redução de custos da ordem de 30%. Foi um tremendo aprendizado para mim.

Como o prazo de entrega das assinaturas pelos Correios, categoria Impresso, não atendia às expectativas dos assinantes, a Abril comprou a Distribuidora Irmãos Reis e eu coordenei a expansão do serviço de

venda de assinaturas, o que, à época, representou uma briga danada com os jornalistas, que acreditavam que perderiam vendas nas bancas – mais adiante, porém, o tempo provou que estavam enganados. Foi assim que em junho de 1971 eu fui contratado pela recém-criada equipe de assinaturas. Lá fui eu trabalhar com a gravadora Addressograph, fazendo a gravação das chapinhas metálicas com os dados dos assinantes – sim, naquela época o data base era feito em chapinhas metálicas. Foi somente a partir de 1974 que tivemos o primeiro sistema de assinaturas em um computador IBM 360.

Vi e vivi todo o crescimento da Operação Assinaturas do zero até alcançar uma carteira com cerca de 5 milhões de assinantes na somatória de todos os títulos. Comemoramos 100 mil, 200 mil, 500 mil e a histórica marca de 1 milhão de assinaturas de *Veja*. Fato que a consagrou como quarta maior

entrega domiciliar. Passamos de 32 cidades atendidas com entrega domiciliar para mais de 2.700 até o ano 2000, o que atendia a 95% da carteira de assinantes e garantia a entrega de mais de 85% das assinaturas de *Veja* até as 20h do domingo. Tremenda operação logística, que começava na quarta-feira, com a área comercial, e terminava na madrugada do sábado, com a expedição das revistas. Fazíamos, por mês, a distribuição de mais de 8,5 milhões de exemplares de assinaturas. Foi, seguramente, a maior operação de distribuição domiciliar depois dos Correios.

Enfim, ao longo de 44 anos, formei minha carreira profissional integralmente na Abril. Conheci pessoas incríveis, fiz amigos com os quais convivo até hoje e vivi uma escola que marcou profundamente minha vida. Foram 44 anos de uma troca muito justa e honesta. Ficaram excelentes recordações que carregarei para o resto da minha vida."

Especial
EDIFÍCIO
ABRILGerson Reis
Júnior

Momento de lazer depois do almoço. 1973:
Gerson (esq.), Francisco Beltran (chefe da
Cartografia), Ricardo Corrêa e Alexandre Furini

Gerson meu primeiro chefe, logo que comecei na Abril, foi outro desses colegas de grande longevidade na empresa. Ainda menino, ali estive em busca de uma vaga na Realidade e encontrou outra de chefe do tráfego. Aceitou e de lá decolou para muitas aventuras editoriais. À época vizinhos (ambos morávamos no bairro de Pompéia), por vezes optávamos por almoçar em casa e eu, com meu possante fusca, trazia a ele e a nossa outra repórter, também vizinha, **Maria Júlia Pascale**, num bate e volta de uma hora e meia. Incrível o que essa Abril, e aquele prédio cujo futuro agora é uma incógnita, faziam com as pessoas. A seguir, o depoimento dele (ER):

Fui em busca de uma vaga na Realidade e virei chefe dos office-boys

*"Era 1965. Eu tinha 14 anos e trabalhava como auxiliar de escritório no meu primeiro emprego. Gostava de ler as revistas da época e até colecionava algumas: Quatro Rodas, Pais e Filhos (sim, com 14 anos colecionava Pais e Filhos...), Realidade... Ah, essa sim, devorava cada página! Pela qualidade das matérias – que me traziam muito conhecimento –, mas, principalmente, pela diagramação. Nem sabia direito o que era isso, mas achava legal a forma como as fotos e as matérias iam desfilando pelas páginas. Quem eram as pessoas que faziam a revista Realidade? Descobri que os nomes das pessoas que faziam revistas ficavam num cantinho de alguma página: o Expediente! Diretor de redação, redatores, revisores, diretor de arte, diagramadores... Opa, quem é esse diretor de arte? **Eduardo Barreto**. Esse é o cara!*

Nasci com alguma tendência para artes: música (tocava violão, guitarra, baixo, até tive uma rápida passagem pela Jovem Guarda, bicho!), desenho, pintura. Também sempre fui muito organizado e determinado.

da revista Realidade. Assim, direto! O rapaz me disse que eu precisaria ter dois anos de experiência, pelo menos. Respondi que não tinha, mas que sabia desenhar, que tinha feito Escola Panamericana de Arte e tal. 'Precisa ter, pelo menos, dois anos de experiência!'. Retruquei: 'Mas, como vou começar? Quem vai me dar esses dois anos de experiência?'. Ele ficou me olhando por algum tempo e me perguntou se eu sabia datilografia (para os mais novos, era assim que se chamava digitação...). Datilografia?!?! Eu queria desenhar, diagramar, oras! 'Acontece que tenho uma vaga no Departamento de Tráfego, mas precisa saber datilografia', disse o rapaz. 'Desculpe, mas eu ainda não tenho habilitação e...'. 'Não, não é no Departamento de Transportes. É no Tráfego, por onde passam todas as correspondências que circulam entre as redações e outros departamentos (lembrando que, na época, não existiam computadores, nem intranet, nem internet, e-mail etc.). A vaga é para chefiar os boys que entregam e retiram os envelopes que circulam entre as redações e os outros departamentos'. 'Mas, o que eu poderia fazer?', quis saber. 'Você vai ter que

Hummm... desenho, organização... DIAGRAMAÇÃO! É isso! Tive uma ideia: 'Tenho que trabalhar na revista Realidade com esse cara, o tal Eduardo Barreto!'.

Estávamos em 1968. Fui ao prédio da Editora Abril, na época na Rua João Adolfo, no Centro de São Paulo, e perguntei na recepção onde era a redação da revista Realidade. 'A revista Realidade mudou para a Av. Octaviano Alves de Lima, 800', disse a recepcionista. Acontece que o Barreto tinha saído de lá e montado a sua própria editora, onde criou uma revista chamada Bondinho. Eu não sabia disso. E também não sabia que a editora por ele montada estava instalada no mesmo prédio da João Adolfo, alguns andares acima...

Pois bem. Lá fui pro tal endereço que, à época, só era servido por uma linha de ônibus.

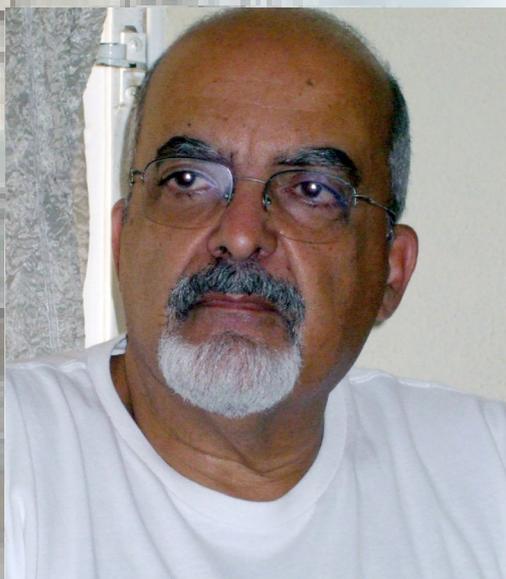
Procurei o Departamento de Recrutamento e Seleção e me apresentei ao funcionário que fazia os testes de admissão e disse que queria trabalhar no Departamento de Arte

supervisionar o trabalho dos boys e terá contato com todas as redações. Quer tentar? É só fazer os testes de admissão'.

Passei em todos os testes, MENOS datilografia. Catei milho, como se dizia na época, e nem cheguei ao número mínimo de toques no tempo determinado. Entreguei os testes para o rapaz que examinou tudo e depois ficou me olhando por mais algum tempo. Acho que eu estava com cara de 'PELO AMOR DE DEUS, ME APROVE!'. Ele disse: 'Ok, você foi aprovado, embora não tenha conseguido o número mínimo de toques na datilografia. Vou te encaminhar para o supervisor do departamento, assim mesmo. Acho que não vai atrapalhar'.

Quase pulei nos braços do Vladimir (esse era o nome do rapaz), mas me contive, porque achei que aquilo poderia mudar a decisão dele. Vai saber...

Depois que parei de tremar em frente ao elevador no saguão do prédio, consegui apertar o botão do 7º andar. Procurei pelo Sidnei – na época o chefe do Tráfego –, e entreguei o envelope com os testes. Ele abriu o envelope, leu tudo, depois me fez várias

Especial
EDIFÍCIO
ABRIL

Gerson, hoje

perguntas. Uma delas era quanto eu queria receber de salário. Eu disse que aceitava o que fosse justo para a vaga, já que não tinha ideia do trabalho a ser executado. Vi que ele anotou no espaço relativo ao salário, algo do tipo Cr\$ 100.000,00 (não me lembro bem do valor) e me encaminhou ao chefe dele, **Samuel Dirceu**, supervisor do departamento. Na entrevista, depois de concluir a conversa, ele riscou o valor anotado e colocou Cr\$ 200.000,00, me encaminhando ao diretor da divisão, **Francisco Rossi**. Este (que mais tarde viria a ser um dos políticos mais famosos do País) viu os testes, me fez outras tantas perguntas e ato contínuo, acreditem, riscou o salário anotado pelo supervisor e anotou Cr\$ 300.000,00.

Foi assim que consegui meu contrato na tão sonhada Editora Abril, em 4 de setembro de 1968, recebendo aumentos salariais sem sequer ter começado a trabalhar!

No Tráfego trabalhavam algumas pessoas: o José Eudes, a Sandra, a Verinha e a Yara. E tinha também, como era de se esperar, os boys: o Gilmar, o Cazarin, o Roberto, os gêmeos Celso e Alfredo, o Gerson (meu xará), o Gerson Geroldo (chamado com o sobrenome pra não confundir, e meu xará também, claro), o Wagner Jachinto e o Eduardo Ribeiro. Fiquei nesse departamento por um ano e meio. Foi muito bom, fiz boas

já totalmente adaptado, surpresa! Surge, assumindo um lugar entre os repórteres da revista, o Eduardo Ribeiro, o boy do Tráfego! Cada um de nós havia seguido seus próprios caminhos dentro da Abril e acabamos nos reencontrando, aí sim, dentro das nossas profissões. Que maravilha!

Mas, e o outro Eduardo? O Barreto?

Pois bem. Sai da Abril para assumir uma chefia de arte na Editora Moderna. Mas, essa narrativa fica para outra oportunidade. Afinal, o Eduardo Barreto não estava lá.

Depois de quase dois anos na Moderna, fui chamado de volta para o Grupo Abril. Dessa vez, para a Abril Cultural, onde fiquei como chefe de Arte das coleções de livros: Pensadores, Obras Primas, Grandes Sucessos e tantas outras, além de vários fascículos. Mas, depois de algum tempo, os irmãos Roberto e Richard Civita se desentenderam e resolveram separar o Grupo Abril em duas partes: de um lado a Editora Abril (revistas) e a Gráfica Abril e do outro a Abril Cultural (fascículos e livros), que passou a se chamar Nova Cultural. Continuei com os livros e fascículos.

Naquele momento, o Dr. Richard reestruturou todos os departamentos. Foi anunciada a criação do cargo de diretor geral de Publicações. Esse novo diretor realocou alguns chefes de Redação, chefes de Arte e anunciou que seria criado o cargo de diretor de Arte. Fofocas por todos os cantos!

amizadas. Inclusive acabei me casando com a Yara. Mas, essa é outra história.

Fui conhecendo o pessoal das redações e falava da minha vontade em conseguir uma vaga no Departamento de Arte. Depois de algum tempo, consegui uma vaga na Cartografia da Quatro Rodas. Não tinha os dois anos de experiência, mas levei meus trabalhos do tempo em que estudei na Escola Panamericana ao **Gilberto Paschoal**, que era o chefe de arte da Cartografia. Ele reconheceu alguma qualidade no meu traço, e me deu a oportunidade que tanto esperava. Fui contratado para fazer os mapas da coleção Geografia Ilustrada, da Abril Cultural. Por questões de regulamento interno da Editora Abril, tive que pedir demissão do Tráfego e esperar três meses para, depois, conseguir ser readmitido. Finalmente cheguei à redação! Ou quase. Fiquei quatro anos na Cartografia. Consolidei muitas amizades. Bons tempos aqueles...

Mas, e o meu sonho de trabalhar com o Eduardo Barreto? Não, não havia morrido!

Depois de quatro anos na Cartografia, consegui, finalmente, ser transferido para uma redação. Afinal, já tinha mais do que os dois anos exigidos! Fui trabalhar como assistente de arte na recém-criada redação da Casa Cláudia. Diagramação, enfim!

Alguns meses depois, um belo dia, eu

"Quem será o novo diretor de Arte?". Meu nome foi cogitado para a nova vaga, além de outro chefe de Arte. Fofocas e mais fofocas agitaram os corredores das redações. "Será que é o Gerson? Será que é o Jimenez?". Foi anunciada a contratação de um novo diretor de Arte. Espera aí! Contratação? Então não será alguém da casa? Como assim?

Dois dias depois, o diretor-geral de Publicações anunciou no meio da Redação, para acalmar os ânimos: "Estamos trazendo para ser diretor de arte geral da nossa Editora um profissional de larga experiência, que já trabalhou na Editora Abril, tempos atrás: Eduardo Barreto".

Trabalhei diretamente com ele por vários anos. Logo me levou à posição de chefe de Arte de todos os projetos dos fascículos e livros, respondendo diretamente a ele. Até que enfim!!!

Foram 22 anos de muitas experiências, de muito aprendizado e muitas amizades, algumas que duram até hoje. Recentemente, o Edu Ribeiro e eu acabamos nos reencontrando casualmente, através de uma nova amizade minha, o **Nelson Graubart**, mas que é amigo do Edu há alguns anos. Como diz um dos meus filhos, 'O mundo tem 200 pessoas e todas se conhecem'.

Em tempo, não sei se tem alguma coisa a ver com a revista Pais e Filhos, mas hoje tenho cinco filhos. Todos muito amados."

Especial

EDIFÍCIO
ABRILNelson
Graubart

Nelson Graubart, profissional que se formou bebendo na escola de Alexandre Wollner, um dos mais festejados designers do País, aproximou-se de um momento de glória ao ser convidado para transformar o Edifício Abril num marco da arquitetura, se não de São Paulo, ao menos da Marginal do Tietê. Nelson em verdade nunca trabalhou na Abril, mas sim sua mulher, **Silvia Graubart**, com quem teve o privilégio de trabalhar na Casa Cláudia. Com ele também trabalhei, no Departamento de Comunicação da Villares, mas essa é outra história. Mas deixo aqui ele próprio contar como foi essa passagem que diz muito sobre o espírito abriliano, em que por vezes ações grandiloquentes e megalomaniacas eram reduzidas a pó em 30 segundos (ER):

O marco arquitetônico que foi trocado por seis latas de tinta

"Mais ou menos em 1985, a On Art Design, empresa que criei para atuar em carreira solo, estava começando. Fui apresentado por **Olga Krell**, diretora da Casa Cláudia, a dois colegas dela da Abril chamados **Cid Frugoli** e **Xis** (não me lembro o nome do Xis, mas todos o conheciam por esse apelido). A pauta era o desenvolvimento de um projeto de sinalização para o parque gráfico da Editora Abril.

Durante o processo, enquanto estávamos fazendo o levantamento de informações, vendo as plantas e os fluxos de circulação, fui chamado pelo Xis e pelo Frugoli para conversar sobre um segundo projeto, nada a ver com esse primeiro. É que eles tinham recebido um pedido do Dr. **Roberto Civita** para transformar o Edifício Abril em um ponto de referência da Marginal do Tietê. Em verdade, ele queria que o prédio se transformasse num marco arquitetônico na região, em algo que pudesse se asse-

melhar às linhas arquitetônicas do Museu Beaubourg, de Paris. E o nosso desafio era exatamente propor algo visualmente tão marcante quanto aquela arquitetura.

Como não sou arquiteto, convidei um arquiteto amigo para poder dar conta de pleito tão ambicioso. E, juntos, arregaçamos as mangas, fizemos alguns estudos e partimos para a contratação de um daqueles desenhistas (na época não existiam computadores) que faziam perspectivas maravilhosas em aquarela para venda de prédios e apartamentos. Após desenvolver e consolidar dois projetos, marcamos uma apresentação na Abril, com as presenças tanto do Xis e do Frugoli, quanto do Dr. Roberto. Bingo! Foi um sucesso. Dr. Roberto adorou os dois projetos.

O passo seguinte era apresentar ao pai dele, Seu **Victor Civita**.

Passados alguns dias, a reunião foi marcada e lá fomos novamente para a

Abрил, dessa vez diretamente para a sala da Presidência, no clássico e sisudo 6º andar. Otimistas, mas ansiosos, pelo que envolvia aquela encomenda inusual, acomodamos-nos ao redor da grande mesa de reunião, todos presentes, inclusive o Dr. Roberto, aguardando a chegada do chefe maior. Caberia a mim fazer a apresentação. Posicionei as pranchas com os desenhos das novas fachadas com a face para baixo para exibir apenas na hora H, buscando tirar o máximo de encantamento do Seu Victor com as nossas obras-primas.

Chegado o momento, entra o Seu Victor, sorridente, como sempre, e nos cumprimenta. Dr. Roberto então fez as devidas apresentações e falou ao Seu Victor sobre o motivo daquele encontro: 'Seu Victor', disse ele, 'estamos aqui para apresentar ao senhor dois projetos de mudança da fachada deste prédio, para transformá-lo em um ponto de referência da Marginal do Tietê, para ser o grande destaque arquitetônico dessa região de São Paulo'.

Nisso, quando eu já estava a postos para apresentar o primeiro estudo, ouço do Seu Victor uma frase curta e grossa, que, obviamente, nunca mais saiu de minha memória: 'Eu aceito qualquer proposta que seis latas de tinta e uma escada sejam capazes de fazer'. Virou as costas e se retirou da sala.

Ficamos nós cinco sentados, um olhando para a cara do outro. E assim ficou no sonho a história marcante que poderia ter dado a São Paulo, ou ao menos à Marginal do Tietê um marco arquitetônico original. Claro, recebemos um bom pagamento por todo o trabalho feito, mas o projeto que consumiu algumas boas semanas de trabalho virou pó em menos de 30 segundos.

Depois disso, a Abril felizmente me deu a oportunidade de desenvolver três outros projetos importantes: o Manual de Identidade Visual de sua marca, o Museu da Sustentabilidade e a sinalização da Praça Victor Civita, que infelizmente não existem mais hoje."